

Editorial:

Volver
Con la frente marchita
Las nieves del tiempo platearon mi sien
Sentir
Que es un soplo la vida
Que veinte años no es nada
Que febril la mirada
Errante en las sombras, te busca y te nombra
Carlos Gardel

Beji Erô!!!

Não é fácil, querido leitor, fazer a gestão de revistas contra hegemônicas. Cada linha editada em revistas dessa natureza, não raro, é sempre fruto do árduo trabalho, dedicação e amor de seus editores da vez. Com a NAU Social isso não é diferente! Toda a memória dessa revista é permeada de entregas e projetos de vida das pessoas que passaram e das que estão na sua editoração. Não rola grana, os apoios institucionais são quase inexistentes e o que sobra em demasia é trabalho, trabalho e mais trabalho.

Entre recepcionar os artigos e realizar a primeira leitura com posterior encaminhamento para duplas e trios de avaliadores, um longo processo de curadoria em prol de um norte editorial se pretende crítico e progressista. Realizar uma revista como a NAU Social é um ato de maternidade, um padecer no paraíso de grandes textos, nobres ideários e valorosas ações coletivas.

Essa introdução queixosa, querido leitor que nos acompanha nessa aventura marítima pelos oceanos do social é, mais do que um mero resmungo é, na verdade, o modo dramático que esses dois editores acharam para expressar os sinceros pedidos de desculpas pelos hiatos desta revista ao longo de longos meses de atraso. A vida, assim como a vida das revistas, é habitada pelo imponderável. Se revistas são fruto do engenho e arte de instituições e pessoas, aqui, usando a máxima de José Ortega Y Gasset, "o homem é o homem e sua circunstância".

Nesse sentido, a Nau Social nesses últimos tempos sofreu no seu ato de navegar os reflexos das intempéries que acometeram as vidas dos seus editores. Nesse meio tempo, tivemos nascimentos, envelhecimentos, renascimentos, preguiças, ressacas e toda sorte de circunstâncias que acometem as pessoas adultas. E nisso, aquilo que só seria um mero atraso se transformou em um pequeno grande hiato que nos fazem hoje trabalhar em mutirão para atualizar a nossa revista.

E debaixo desse grande oceano do social, muitas águas passaram da nossa última publicação para cá. Podemos até dizer sem pestanejar que já habitamos um outro país. Nesse meio termo, quanta coisa aconteceu em terras brasileiras! Tivemos um processo eleitoral dramático em que o povo brasileiro foi desafiado a decidir que valores de fato deveriam nortear a nossa nação, uma problemática que engajou nossa esfera pública nacional.

Mesmo diante do cenário contemporâneo cada vez mais propício à pós-verdade e as fake news, a maioria da população brasileira no dia 30 de outubro de 2022 escolheu a esperança como elemento fundante do nosso estado democrático de direito. Essa afirmação, não se trata de uma leitura partidarizada das nossas

1073

eleições, mas a mera interpretação de que na dicotomia do que estava posto no cenário recente do Brasil, as forças antagonicas estavam entrincheiradas entre extremos, donde de um lado pendia mais fortemente a democracia progressista e, de outro, valores autocráticos muito propensos ao conservadorismo de extrema direita.

Depois desse parto eleitoral, o que se testemunhou no Brasil foi um processo de transição profundamente curioso e ilustrativo dos déficits democráticos nacionais que se aprofundaram nos últimos anos desde o golpe de 2016 e o mandato de Jair Messias Bolsonaro. Se de um lado ficou nítido o apoio limitado à transição democrática por parte do governo da vez nos seus últimos respiros de poder, por outro, ficou nítido também que uma verdadeira ação coletiva de pessoas voluntárias ajudaram o novo governo eleito a identificar os grandes dramas nacionais ocasionados pelo desmonte das políticas públicas desde 2016, um exercício cívico que nos legou o entendimento de que não é possível se realizar um projeto de nação sem políticas públicas de recorte social, pensando nos diferentes atores que nos compõe.

E foi como num sonho que tivemos a oportunidade de estarmos vivos para testemunhar a representação de uma parte desses diversos atores na subida da rampa do Planalto em primeiro de janeiro de 2023 junto com o novo governante e nele colocar a faixa presidencial. Um brado de esperança banhou o país que apostou na democracia como um valor fundamental para nosso futuro comum, perfectibilizando assim o brado do personagem Antônio das Mortes, qual seja “Mais fortes são os poderes do povo!”.

Mas como a cada dia, uma agonia, cada primeiro dia do novo governo foi uma odisseia, tal como a de Ulisses. E se no texto bíblico, no sétimo dia o criador descansou pela árdua obra operada, no Brasil, o sétimo dia foi às vésperas de uma tentativa de golpe de estado, uma loucura insana alimentada nas portas dos quartéis de todo o país que teve no dia 08 de janeiro em Brasília uma demonstração clara de desprezo às instituições do estado democrático de direito. O nove de setembro, querido leitor, foi justamente o dia que acordamos para o grande desafio que é consolidar a democracia no nosso país.

Feitas essas breves considerações de nossa retrospectiva nacional recente e olha que fomos sintéticos e não abarcamos tudo que estamos a viver por esses últimos tempos (até porque outros editoriais atrasados estão sendo nesse momento também pensados e confeccionados) voltamos aqui para o curso da nossa Nau Social, nosso barquinho que tenta nesses mares sociais brasileiros navegar ao sabor dos ventos e que esses nos soprem favoravelmente.

Nesta edição, três sessões da nossa revista foram mobilizadas, ao que traremos nesta rota da Nau: Diários de Bordo, Novos Territórios e Novas Rotas!

Nos nossos Diários de bordo, três artigos nos desafiam a refletir sobre caminhos da gestão social em trilhas já desbravadas ou em vias de desbravamento. No primeiro artigo intitulado por **Efetividade Deliberativa das Institucionalidades Participativas na Coprodução de Bem Público: um estudo de caso do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Andrelândia-MG** os autores buscam navegar pela atuação de determinado conselho no que concerne os seus dilemas entre a gestão meramente cartorial e administrativa e o real acompanhamento das ações que fazem parte do seu escopo no campo da preservação do patrimônio municipal. No segundo artigo, intitulado por **Aspectos Psicossociais das famílias de crianças e adolescentes abrigados em Araguaiana/TO**, os autores analisam a experiência de crianças e adolescentes abrigados pelo Estado no contexto da necropolítica, nos lançando como possibilidade o repensar formatos de proteção à infância, sobretudo nesses casos de abrigo, a partir de intervenções diretamente junto às famílias desses sujeitos, um exercício de cuidado capaz de evitar o rompimento de laços afetivos e redes de proteção. O terceiro, por fim, intitulado por **VOLUNTARIADO: a percepção das pessoas que doam seu tempo em prol da coletividade**, os autores buscam analisar o perfil dos voluntários atuantes em dada associação, a fim de compreender as dimensões de valor do ator voluntário em organizações dessa natureza.

Na sessão Novos Territórios, seis artigos trazem luzes para pensarmos a gestão social em distintas dimensões sócio territoriais. O primeiro, **Floresta em pé, extrativismo e desenvolvimento na Amazônia: A prática de Gestão Social do Arranjo interorganizacional origens do Brasil**, os autores realizam uma rica análise sobre o arranjo interorganizacional extrativista no Projeto de Assentamento Desenvolvimento Sustentável Paraíso (PDS Paraíso) no município de Alenquer/PA, inserida na Rede Origens Brasil, uma territorialidade que nos inspira a pensar o Brasil para além do Brasil. Em **Memórias de pessoas idosas encarceradas sobre o trabalho**, os autores lançam luzes sobre as memórias de pessoas idosas em condição de cárcere no que concerne às suas relações pretéritas com o trabalho, algo que no encarceramento lhes é negligenciado. No artigo **Políticas públicas e orçamento para economia solidária no Brasil (2004-2021): da agenda propositiva ao abandono** os autores analisam a trajetória da política pública de Economia Solidária, um movimento pendular de altos e baixos, sobretudo, diante do governo passado. Em **Malabarismo e Ressignificação dos Espaços Urbanos: entre a informalidade e a cultura nas ruas da cidade**, por sua vez, os autores buscam analisar o papel do malabarismo de rua como trabalho informal e prática cultural na ressignificação dos espaços na cidade. No artigo intitulado por **Fatores relacionados ao desempenho da fiscalização de contratos administrativos em Organizações Públicas**, as autoras a partir de pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com servidores públicos atuantes como fiscais, buscam analisar os fatores positivos e negativos estão intimamente relacionados com o desempenho da fiscalização de contratos administrativos em dada Organização pública. Por fim, em **Políticas inclusivas nas organizações**, a partir de uma pesquisa literária a autora buscou abordar a temática da inclusão de minorias em organizações públicas e privadas, refletindo assim sobre a diversidade.

E, finalmente, na sessão Novas Rotas, um artigo que busca associar a gestão social e as modernas tecnologias da informação. Desse modo, a partir do artigo intitulado por **O uso do aplicativo Mudamos+ como ferramenta de apoio na aprendizagem da Gestão Social** seus autores nos trazem uma produção tecnológica no formato de relatório técnico no qual analisam o aplicativo Mudamos mais na sua dimensão de ferramenta interativa de ensino e aprendizagem.

Ah, leitor amigo, só Deus e os Orixás sabem como esses editores penaram para conseguir concluir esse número que estava encantado e esse editorial aqui o anuncia. E diante de tantas idas e vindas, quis que esse ponto final fosse dado no dia 27 de setembro do ano da graça de 2023, dia que em terras da Bahia se comemora os santos católicos gêmeos, Cosme e Damião.... E que também nessa mesma Bahia, se homenageia a energia das crianças, dos erês, cujo Santo iorubano também é representado pela duplicidade de sujeitos, qual seja, Ibeji que traduzindo significa, nascer de dois.

Não sem razão, nesses dias, é habitual que em casas de família e em terreiros de candomblé se ofereçam as comidas de Beji, que em verdade, é a soma de todas as comidas dos Orixás... Caruru, vatapá, xinxim de galinha, farofa de dendê, milho branco, arroz, acaçá, abará, acarajé, banana da terra, rolete de cana, pipoca, rapadura e outras iguarias que se trouxermos aqui, nossos leitores ficarão com muita água na boca dando vazão ao apetite de modos que não lerão o resto da revista.

Que a Nau Social se inspire na energia e na alegria de Ibeji! Beji Erô!!! Sem Beji, certamente não há recomeços!